

Apresentação

Antonio Carlos Mazzeo

Como citar: MAZZEO, Antonio Carlos. **Apresentação.** In : INFRANCA, Antonino (org.). **Trabalho, indivíduo, história:** o conceito de trabalho em Lukács. Marília: Oficina Universitária; São Paulo, 2014. p.7-10. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7559-389-9.p7-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Antonio Carlos Mazzeo

O livro de Antonino Infranca chega em boa hora e vem contribuir com a ampliação e o aprofundamento do debate sobre os elementos conceptuais da Ontologia marxiana, desenvolvidos pelo György Lukács maduro, especialmente o estatuto ontológico da categoria do trabalho, enquanto fundamento da *práxis social*. Como o próprio autor evidencia, a obra se propõe a reconstruir “arqueologicamente” os caminhos do filósofo húngaro na elaboração do elemento ontológico na categorização do trabalho.

Nesse sentido, o mérito deste livro de Infranca é o de se dispor a percorrer esse caminho de Lukács em direção a Marx. Partindo do conjunto das elaborações teóricas lukácsianas – as elaborações contidas em *História e consciência de classe*, *O jovem Hegel* e as fundamentais formulações da *Estética*, além de apontamentos e indicações lukácsianas sobre a *Ética* – e confrontando essas reflexões com a obra madura do filósofo húngaro, a *Ontologia do ser social*, Infranca enfatiza que todos os outros conceitos abordados por Lukács ao longo da edificação de seu corpo teórico de *História e consciência de classe* à monumental *Ontologia* – como, por exemplo, os conceitos de *totalidade* e de *estranhamento* – estão subordinados ao aspecto nodal da *categoria trabalho*, apreendido a partir da dinâmica histórico-categorial marxiana da *práxis*, em seu elemento ontogenético. Cabe ressaltar que, nessa busca de reconstruir o “pensamento vivido” de Lukács, Infranca com grande ousadia define a elaboração categorial lukácsiana como uma fundamental tentativa de “reconstrução do marxismo”, na medida em que o filósofo húngaro foi o primeiro no âmbito do marxismo a destacar a necessidade de se abordar a teoria social marxiana na perspectiva ontológica. Como ressalta o autor, essa priorização lukácsiana vem na senda das tentativas (e da necessidade) de respostas à crescente dogmatização e enrijecimento da teoria marxista, que ganha corpo após a morte de Lenin. Como se sabe, a prevalência do epistemológico e da gnosiologia em detrimento da apreensão ontognosodialética do mundo já aparecia como uma questão relevante nos debates da II Internacional – e encontrava em Lenin um duro opositor. Para o revolucionário russo, as formas de *reflexo* (*forma-consciência*) do mundo constituíam sempre o resultado da realidade objetiva e deveriam ser apreendidas em suas conexões e relações dialéticas entre o *universal* e o *particular* – isto é, nas formas abstratas e nas formas concretas engendradas pelo *ser social*. Daí o *reflexo* – a

mediaticidade – constituir uma abstração resultante das relações sociais e das respostas (inclusive as estranhadas) socialmente construídas para as questões advindas do processo de objetivação do *ser social*¹. Lukács leva adiante essa abordagem leniniana, ao evidenciar que todo conhecimento é resultante da práxis desenvolvida no ser social.

Seguindo as elaborações marxianas, Lukács salientou que ao longo da história a humanidade desenvolveu diversas *formas-práxis* e, até o surgimento do capitalismo, a questão central da compreensão da realidade objetiva eram os limites postos pela predominância do idealismo nas formas de construções *mediativas* que só começam a ser resolvidas – e, diga-se, *apenas em parte* – com o advento da sociabilidade burguesa. Mas é inegável, como ressalta Lukács, que as *formas-práxis* (históricas) do *ser social* procuraram responder aos problemas advindos dos próprios processos de objetivação de si, quer dizer, o processo de trabalho social produziu modos cognoscitivos que possibilitaram, principalmente no plano prático, o conhecimento, ainda que mais tarde esse próprio conhecimento tenha propiciado um distanciamento de si². Objetivamente, os grandes saltos qualitativos (ontológicos) que a humanidade deu no plano da reflexão sobre seu próprio mundo cotidiano – sua *imediaticidade* – tiveram, de certo modo, uma preocupação, *in limine*, de cunho “pedagógico”, se entendermos a educação como práxis de autoconhecimento social e de práxis-superadora – aqui, no sentido da *Aufhebung*. É nesse sentido que Infranca sustenta o entendimento lukácsiano, asseverando que a generalidade *em-si* do homem transforma-se em generalidade *para-si* mediante o trabalho, que se consubstancia como meio de expressão e de realização de sua hominidade. Aqui, o autor destaca o próprio elemento ontológico presente na construção categorial lukácsiana, que é o valor como resultado do trabalho e que aparece no conjunto do processo de objetivação teleológica como síntese do idealizado, como causalidade posta. Com isso, Infranca mais uma vez ousa em suas formulações ao ressaltar que Lukács vai além ao definir seu conceito de trabalho, em que a teleologia constitui-se, em última instância, seu aspecto verdadeiro, justamente quando o conceito de trabalho ganha a dimensão de desenvolvimento e objetivação do pensado: “Porém, Lukács vai ainda mais longe, acentuando o fato de que, no trabalho, o fundamento ontológico-estrutural é constituído pelos pores teleológicos e pelas cadeias causais que eles põem em movimento. Assim, a teleologia seria hegelianamente, o verdadeiro e próprio conceito de trabalho na *Ontologia* de Lukács” (p. 19).

Nesse sentido, Infranca realça um dos elementos centrais desenvolvidos por Lukács a partir das formulações hartmannianas, mais precisamente, a *integração dos complexos de complexos* na conformação do ser social – forma do ser, determinação da existência –, e que possibilita situar o teleológico como parte integrante da práxis, em que o sujeito não é meramente passivo, mas, ao contrário, interage dialeticamente com o mundo inorgânico, no sentido do *e-ducere*, isto é, uma exteriorização de ambos em

¹ Ver Vladimir I. Lenin, “Materialismo y Empirocriticismo”, em *Lenin: obras completas* (Madri, Akal, 1977), v. XIV, p. 312 s.

² Ver G. Lukács, *Prolegomeni all'ontologia dell'essere sociale* (Turin, Guerrini, 1990), p. 14 [ed. bras.: *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, São Paulo, Boitempo, 2010].

que “o sujeito exprime sua própria ideia na realidade, e o objeto real recebe/assume uma forma com base nas próprias leis naturais” (p. 20). No limite, como enfatiza o autor, a formulação lukácsiana resgata as linhas centrais de identidade, das continuidades e descontinuidades dialéticas, de uma processualidade racional-ontológica com gênese no pensamento clássico ocidental – de Aristóteles a Marx.

No contexto dessa reflexão, Infranca enfatiza a essencialidade de uma linha histórica de racionalidade, de pensadores que buscaram *soluções de práxis* (sempre levando em conta o contexto e a legalidade histórica dessas formulações, assim como suas devidas rupturas e continuidades dialéticas), que refletiram sobre o *ser-enquanto-ser* e suas propriedades inerentes. E, para reforçar sua tese, Infranca destaca a identidade conceptual de Marx com o conceito hegeliano de trabalho, isto é, se para Marx a história materializa-se na processualidade objetivante do ser social, a partir de suas formas materiais de ser, encontra-se em Hegel a raiz dessa formulação, exatamente quando o próprio Hegel afirma, citado por Infranca, que o “princípio tem de ser também começo, e o que é anterior (*prius*) ao pensamento tem de ser também o primeiro (*primo*) no curso do pensamento” (p. 22).

Podemos dizer que o aspecto central das reflexões de Infranca, portanto, é o de situar o pensamento de Lukács na senda do conjunto do pensamento que buscou compreender o ser social na ampla dinâmica histórica das *soluções de práxis* e, aqui, na perspectiva da superação marxiana do idealismo presente na XI Tese de Marx sobre Feuerbach, isto é, da necessidade de a filosofia ganhar corpo ativo e transformar a compreensão e a interpretação do ser social em ação transformadora e revolucionária. No marxismo de Lukács está

implícito e explícito, nesse recompor da conceptualidade das dinâmicas do *ser social*, o *novo caráter da práxis*, que pressupõe ainda *sujeitos sociais* realizando materialmente suas processualidades histórico-sociais. Não como “realização da vontade” ou de circunstâncias de sua escolha, como acentua Marx, mas por determinação das contradições engendradas pela própria sociabilidade, legadas e transmitidas pelo passado. Se o capitalismo se constituiu como a organização societal mais desenvolvida de toda a história da humanidade, sua objetivação abriu também a possibilidade para o aprofundamento da consciência dos homens sobre si, tanto do seu próprio passado como das potencialidades futuras.³

Esse é o elemento constitutivo da proposta de renovação/refundação lukácsiana do marxismo, em que, nas palavras de Tertulian, a ontologia preconizada é aquela que concebe o ser como uma interação de complexos heterogêneos e em perpétuo movimento e devir, caracterizada por uma mistura de continuidade e descontinuidade incessante, de onde nasce o novo⁴.

³ Antonio Carlos Mazzeo, *Possibilidades leninianas para uma paidéia comunista* (São Paulo, 2013, mimeo), p. 11.

⁴ Cf. Nicolas Tertulian, “Introduzione”, em G. Lukács, *Prolegomeni all'ontologia dell'essere sociale*, cit., p. xxv.

Pode-se concordar ou discordar das interpretações de Infranca sobre o processo da construção conceptual lukácsiana que deságua na *Ontologia do ser social*. Mas é inegável que este *Trabalho, indivíduo, história* apresenta-se como uma reflexão inovadora, capaz de expressar a competência desse intelectual pertencente a uma nova geração de marxistas que se vincula e fundamenta-se na melhor tradição do marxismo italiano.

Portanto, convido o leitor a mergulhar nas fecundas páginas deste livro e conhecer uma reflexão ousada e de grande erudição sobre a obra de György Lukács, o mais importante filósofo marxista do século XX.